

LARRIBA, E. ; COLETES BLANCO, A., eds. (2017) – *La Poésie, vecteur de l’information au temps de la Guerre d’Espagne: 1808-1814*. Aix-en-Provence: Presses Universitaires de Provence, 164 p.

Por CARLOS GUARDADO DA SILVA

Professor Auxiliar com Agregação

Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

carlosguardado@campus.ul.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1490-8709>

“La Poesía es una arma cargada de futuro”, como magistralmente a definiu, em *Cantos Iberos* (1955), Gabriel Celaya (1911-1991), um dos mais distintos representantes da “poesia social” dos anos 50, distinguido com o Prémio Nacional de las Letras Españolas, em 1986, aqui lembrado por Gérard Dufour, eminente especialista em História de Espanha, entre o final do século XVIII e o início do século XIX. Assim é quase toda a poesia em contexto de guerra e opressão, bem como, na sua maioria, a poesia da Guerra Peninsular, aqui trazida sob o título oportuno *La Poésie, vecteur de l’information au temps de la Guerre d’Espagne: 1808-1814* (= *A Poesia, vetor da informação no tempo da Guerra Peninsular: 1808-1814*), uma poesia que protesta e reclama, uma poesia de informação e contrainformação, de notícias verídicas e falsas, de propaganda e legitimidade, de resistência e subversiva, que justifica o seu papel de vetor de informação, isto é de veículo de informação, portador de uma mensagem política, de compromisso, ao serviço do poder (dos poderes!) e contrapoder, que visa influenciar a “opinião pública”, termo cunhado por Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), nas vésperas da Revolução Francesa.

Este é o resultado de um projeto de investigação coordenado por Elisabel Larriba (Universidade Aix-Marseille) e Agustín Coletes Blanco (Universidade de Oviedo), respetivamente especialistas da imprensa e receção literária e cultural em Espanha, entre o final do século XVIII e o período da Guerra Peninsular, que integra cinco notáveis estudos da autoria daquela e de Gérard Dufour (Universidade de Aix-Marseille), Alicia Laspra Rodríguez (Universidade de Oviedo), Ingrid Cáceres Würsig e Remédios Solano Rodríguez (sob a direção de Agustín Coletes Blanco), e Gabriela Gândara Terenas (Universidade Nova de Lisboa) - um leque de investigadores, cuja reputação é reconhecida inter-

nacionalmente, sobre o conflito da Guerra Peninsular (1807-1808), destacando-se dentro desta, mas não apenas, a imprensa e a poesia. Os títulos por si anteriormente publicados justificam *per se* a afirmação anterior: LARRIBA, E. (1998) - *Le Public de la presse en Espagne à la fin du XVIIIe siècle: 1781-1808*. Paris: Honoré Champion. ; COLETES BLANCO, A. ; & LASPRA RODRÍGUEZ, A. (2013) – *Libertad frente a tiranía: Poesía inglesa de la Guerra de la Independencia: 1808-1814: Antología bilingüe*. Madrid: Fundación Dos de Mayo-Espasa. ; DUFOUR, G., e (Ed.) (2015) – *En vers et contre Napoléon: Poésie anti-napoléonienne en français à l'époque de la Guerre d'Espagne: 1808-1814*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. ; CÁCERES WÜRSIG, I. ;& SOLANO RODRÍGUEZ, R. (2015) - *Valiente Hispania: Poesía alemana de la Guerra de la Independencia: 1808-1814: Estudio crítico y corpus bilingüe anotado*. Oviedo: Universidad de Oviedo. ; TERENAS, G. G. ;& PERALTA GARCÍA, B. (2015) – *El noble ejemplo de España: Poesía portuguesa de la Guerra de la Independencia: 1808:1814*. Madrid: Ministerio de Defensa.

O termo *Guerre d'Espagne* justifica-se na edição francesa, sendo equivalente ao de “Guerra Peninsular”, o mais generalizado, sobretudo no mundo anglo-saxónico (*Peninsular War*), mas também em Portugal, que tem em conta a realidade geográfica do conflito na Península Ibérica, quando outrora se usava de modo preferencial, porém impreciso, o termo “Invasões Francesas”. Em Espanha, o conflito é designado por “Guerra de la Independencia”, denominação coeva, a que historiografia liberal espanhola conferiu um conteúdo romântico, sobrevalorizando a luta do povo espanhol contra o exército invasor de Napoleão, que procurava retirar àquele a independência do território e da sua pátria. Todavia, na Catalunha, em virtude do desenvolvimento de uma consciência nacional, institucionalizou-se, já no século XX, a denominação popular de “Guerra del Francés”, porque aqui a guerra da independência, que os acontecimentos recentes testemunham, ganhou significado face a Madrid.

No primeiro estudo, “La poésie, source d’information clandestine sous le premier Empire” (= “A poesia, fonte de informação clandestina sob o primeiro Império”), de Gérard Dufour, o autor, a partir de periódicos ingleses com grande difusão em França, como o *Moniteur* e o *Journal de l'Empire*, e sobretudo os que se publicavam em língua francesa, como o *Courrier d'Angleterre* e *L'Ambigu*, coloca a propaganda e a informação inglesas em confronto com a propaganda e a desinformação imperiais. A par do conflito bélico, pela imprensa em geral, e particularmente através da poesia nela publicada, fazia-se oposição ao imperador, o ‘ogre corso’, objeto de denegrecimento através da escrita. Publicavam-se poemas que, sendo transmitidos oralmente, contribuíam para criar rumores na opinião pública francesa, como a da existência

de rebeliões permanentes de espanhóis contra Napoleão Bonaparte. E neste contexto, Gérard Dufour destaca dois homens, Jean-Gabriel Peltier e Humblet.

No segundo estudo, “Des trompette de la renommée difficiles à emboucher: information et désinformation para la poésie chez les afrancesados” (= “Trombetas da fama difíceis de ouvir: informação e desinformação através da poesia entre os afrancesados”), Elisabel Larriba apresenta-nos outra visão, pela pena dos “traidores”, os partidários do imperador, sublinhando o papel documental da poesia. Aqui a poesia é analisada como forma de propaganda imperial, vetor de informação da sociedade francesa, sobretudo das elites, na perspetiva francesa, como modo de adesão ao regime josefino, e da sua legitimação. Lembremos que José Bonaparte, irmão mais velho de Napoleão, após as abdições de Baiona (renúncias sucessivas de Fernando VII e Carlos IV ao trono da Espanha, em 5 de maio de 1808), assumiu o trono em Espanha (1808-1813), pondo fim à sua independência, através de um estratagema aparentemente legal de transferência do poder, impondo uma dinastia francesa.

No terceiro estudo, “Presse, politique et poésie anglaise de la Guerre d’Indépendance: 1808-1814” (“Imprensa, política e poesia da *Guerra de la Independencia*: 1808-1814”), Alicia Laspra Rodriguez parte do papel mediador da poesia inglesa para a *Guerra de la Independencia* publicada na imprensa britânica, com poemas fomentadores de valores patrióticos, de coragem e heroísmo, que permitiriam sustentar e conduzir os exércitos aliados à vitória. Dentre a fértil imprensa inglesa, que analisa, destaca-se a publicação de poemas inspirados pela causa espanhola na oposição a Napoleão, nos jornais diários *The Morning Post*, *The Times* (jornal ‘independente’) e *The Sun*, assim como no *The Morning Chronicle*, periódico de orientação *whig*, isto é, de oposição à política do Governo. Estes periódicos, em que predomina uma atitude anglocêntrica, são *exempla*, independentemente da sua ideologia favorável ou opositora ao Governo, de que reuniam unanimidade na questão espanhola, isto é, antinapoleónica, divergindo em escassos momentos como quando da publicação do tratado, que viria a designar-se por *Convenção de Sintra* (1808). Assim se entendem os assuntos de que tratam os poemas, sobre ‘patriotas’, soldados anónimos que resistem, preferindo morrer a render-se, soldados-guerrilheiros que enfrentam “tiranos”, heróis “que lutam pela independência do seu país contra o expansionismo de Napoleão”, de que se destacaria o herói supremo Wellington, nos anos de 1812-1814. Assuntos como o “orgulho castelhano”, a esperança, a “fé” contra Napoleão, “déspota” e “monstro”, a insurreição e a expansão antinapoleónica, e a resistência da Espanha cercada estão presentes nos textos. Mais do que narrar os acontecimentos e a evolução do conflito, descrevem-se as batalhas em cenários

imaginados, porque desconhecidos dos autores dos poemas, emergindo novos *loci* (como Espanha, Iberia e Portugal ou os sítios das batalhas), sugestivamente designados de “geografias de imaginários românticos” por Diego Saglia (2000). Enfim, entre 1808 e 1814, é notória, por parte jornais pró-governamentais, uma tentativa de contribuir para a política do *Foreign Office*, na manutenção do apoio popular às medidas do Governo britânico comprometido com um elevado investimento na Península Ibérica. Acrescente-se, ainda, que o texto é enriquecido por um conjunto de gráficos demonstrativo de que os poetas ingleses não elogiam apenas os seus mortos e heróis, mas também glorificam os espanhóis, como atesta a presença constante de Saragoça nos poemas. E, ainda, quanto mais desastroso o resultado de uma batalha, maior número de poemas inspira, o que permite interpretá-los como mecanismos para mitigar o fracasso da estratégia de Wellington, tal qual acontece, por exemplo, com Talavera.

No quarto estudo, “La poésie sur la Guerre d’Indépendance espagnole dans le monde germanique comme instrument de propagande” (= A poesia sobre a *Guerra de la Independencia* no mundo germânico como instrumento de propaganda”, Ingrid Cáceres Würsig e Remedios Solano Rodríguez partem da contextualização histórica e social dos territórios alemães, no início do século XIX, para se debruçarem sobre os traços da ‘Guerra da Independência’ na poesia patriótica e de guerra, uma poesia comprometida com os acontecimentos políticos e sociais, através da qual os seus autores procuram influenciar a opinião pública com vista a mobilizar a população a revoltar-se contra o jugo francês. A poesia assume-se, deste modo, como um instrumento político de caráter informativo e propagandístico, caracterizando-se de forma distinta em duas fases: 1806-1812 e 1813-1815. Na primeira, marcada pela derrota da Prússia e uma forte presença francesa nos territórios germânicos, Napoleão reforçou a censura, utilizando a informação para forjar uma opinião pública favorável à causa afrancesa, transformando o *Moniteur* na fonte oficial de informação, em que aparecem poemas que exaltam a figura do imperador. Do lado oposto, alguns autores de poemas, quando conseguem escapar às malhas da censura, evidenciam um patriotismo exacerbado, o ódio contra o estrangeiro, sobretudo os franceses, definindo o imperador como um usurpador, um déspota de ambição desmedida. Na segunda fase, designada pelas autoras de poesia das ‘guerras de libertação’, que começa com a declaração de guerra da Prússia à França em março de 1813, a censura perde o controlo da informação e a escrita poética passou a exercer grande influência na consciência popular. O autor anonimiza-se, para relevar a mensagem, colo-

cando a pena ao serviço da política, como instrumento de propaganda antinapoleónica. Dos três exemplos da presença da poesia patriótica alemã, destacamos *A Palafox* (1809), de Heinrich von Kleist, poema dedicado ao herói dos cercos de Saragoça (1808 e 1809) José Rebolledo de Palafox y Melci, líder da resistência, cuja renome atingiu também Portugal, tendo sido objeto de dois poemas em língua portuguesa.

No quinto estudo, “Évocations poétiques de l’Espagne dans la presse et autres imprimés portugais pendant la Guerre d’Indépendence: 1808-1814” (= “Evocações poéticas de Espanha na imprensa e outros impressos portugueses durante a Guerra Peninsular”), Gabriela Gândara Terenas apresenta um trabalho que, em termos de localização de fontes, é um modelo a seguir com bons frutos, tendo ‘varrido’ os arquivos e as hemerotecas portuguesas, demonstrando que, também para o território português, a poesia reflete o movimento panfletário europeu antinapoleónico. A autora parte da caracterização do contexto da imprensa portuguesa, em que destaca os jornais, para, depois, se focalizar na análise de alguns episódios, com particular destaque o 2 de Maio, e personalidades da história do conflito presentes em textos poéticos, testemunhos de uma poesia pro-espanhola portuguesa. Refira-se, como notara José Manuel Tengarrinha, que se verifica a partir da libertação da ocupação francesa do reino, em 1808, uma nova fase do jornalismo português, que deixa de oferecer um papel inócuo para adotar, doravante, um papel político e combatente.

Exceto a *Gazeta de Lisboa*, que foi obrigada a transformar-se no órgão oficial do exército francês, sob o domínio autoritário de Junot, outros periódicos como o *Telegrafo portuguez*, a *Gazeta do Rossio*, *O Patriota*, *O Leal Português* e *A Minerva Lusitana*, estimulados pelo Conselho de Regência, foram exemplos de uma imprensa de propaganda na defesa dos valores patrióticos e da legitimidade do príncipe Regente D. João, procurando, simultaneamente, contrariar a atividade de propaganda imperial. No mesmo tom de defesa do patriotismo são exemplos alguns dos poemas publicados, louvando a intervenção britânica na libertação da Península do jugo napoleónico.

Veículo de informação, motor de insurreição, a poesia serviu como canalizador do espírito de revolta, incitando os portugueses a seguirem o exemplo espanhol do 2 de Maio, acontecimento bem presente nos textos, assim como o tema da saída francesa em setembro de 1808 e a restauração do reino. De igual modo, refira-se a celebração dos heróis, objeto de elogio e enaltecimento nas composições poéticas, de que se destacam chefes militares espanhóis como o já referido José Palafox, Francisco Xavier Castaños, La Cuesta, Francisco Ballesteros e o marquês de La Romana, procurando uma

comparação aos também heróis portugueses, como o general Silveira. No fundo, todos símbolos de luta e resistência, como Wellington, contra o 'inimigo' Napoleão Bonaparte, ou da união de dois povos ibéricos na luta contra o imperador, representado na figura de Carlota Joaquina. Testemunhos, por fim, de que a poesia serviu de veículo de informação e de representação dos 'Grandes Homens' de então, tornando-se, nas palavras da autora, "um instrumento de glorificação patriótica de pedagogia coletiva".

Em suma, *La Poésie, vecteur de l'information au temps de la Guerre d'Espagne: 1808-1814*, aporta as principais conclusões do projeto "Otras lenguas, otras armas: poesía proespañola inglesa, francesa, alemana y portuguesa de la Guerra de la Independencia (1808-14); edición, traducción y estudio" (Projeto OLE¹¹), que exigiu um notável esforço internacional de pesquisa e análise das fontes literárias, mormente de natureza poética, até agora dispersas. Uma investigação que resgatou a poesia patriótica espanhola publicada, entre 1808 e 1814, nas línguas alemã, francesa, inglesa e portuguesa, que aporta um conjunto de textos com enfoques por vezes distintos, mas complementares na abordagem e unificados na temática inscrita no título do livro, que cumpre o seu objetivo.

Por último, em *La Poésie, vecteur de l'information au temps de la Guerre d'Espagne: 1808-1814*, a poesia assume um diálogo interdisciplinar, entre a literatura, a filologia, a tradução e a história, num trabalho igualmente caro à ciência da informação, não fosse a poesia, também ela, vetor de informação! Como afirmou Victor Hugo, no prefácio de *Les Orientales*, citado pelos editores, "tout est sujet; tout relève de l'art; tout a droit de cité en poésie". Assim, também a poesia pode ser estudada de um novo ângulo, não literário, enquanto fonte documental, fonte de informação, sendo aqui resgatada como fonte historiográfica principal. E, deste modo, é possível concluir que, em tempo de conflito, tal como defendera Gabriel Celaya, a "Poesia é uma arma", um veículo de informação não isenta, que traz consigo uma intencionalidade. Assim é a poesia da Guerra Peninsular, "vetor de informação", "poesia-ferramenta", em que as palavras, como lembrou o poeta, "são mais do que o que elas dizem".

Referências Bibliográficas

CELAYA, G. (1955) – *Contos Iberos*. Alicante: Verbo.

SAGLIA, D. (2000) – *Poetic castles in Spain: British romanticism an figurations of Iberia*. Amsterdam: Rodopi.